

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS CESARIANAS NO BRASIL: ANÁLISE DE NASCIDOS VIVOS DE 2010 A 2023

INTRODUÇÃO: A cesariana é um procedimento cirúrgico utilizado na prática obstétrica para reduzir riscos materno-fetais em situações específicas. Contudo, o uso excessivo tem despertado preocupação global, sobretudo quando não respaldado por critérios clínicos. Nesse contexto, analisar o perfil epidemiológico das cesarianas no Brasil é essencial para compreender padrões de ocorrência e subsidiar estratégias que promovam uma assistência obstétrica mais segura. **OBJETIVO:** Analisar o perfil epidemiológico das cesarianas no Brasil, entre 2010 e 2023, considerando fatores maternos, assistenciais e regionais, a fim de identificar padrões de ocorrência e subsidiar o planejamento de estratégias em saúde materno-infantil. **MÉTODOS:** Estudo descritivo, transversal e epidemiológico, incluindo todos os nascidos vivos no Brasil entre 2010 e 2023. Avaliou-se tipo de parto, região geográfica, cor/raça, faixa etária, escolaridade, estado civil, número de consultas pré-natal e idade gestacional. **ASPECTOS ÉTICOS:** Coleta de dados de acesso público através do Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (SINASC), pertencente ao DataSUS, dispensando avaliação por Comitê de Ética, conforme as Resoluções do CNS nº 510/2016. **RESULTADOS:** Entre 2010 a 2023, registraram-se no Brasil 39.663.928 nascidos vivos, dos quais 56,1% por cesariana, 43,8% por parto vaginal e 0,1% sem informação. Houve o predomínio de cesarianas no Centro-Oeste (62,2%), Sul (61,5%), e Sudeste (59,4%), enquanto Norte (46,8%) e Nordeste (50,7%) apresentaram menores proporções. Quanto à cor/raça, mulheres brancas tiveram a maior frequência (67,1%), seguidas de pardas (50,3%), pretas (49,6%), e indígenas (21%) com menor número. A taxa aumentou com a idade materna, de 37,9% (10–14 anos) para 69,8% (40–44 anos). Escolaridade e estado civil também foram determinantes: mães ≥ 12 anos de estudo (65,9%) e casadas (69,8%) tiveram mais cesarianas que as sem instrução (26,8%) e solteiras (49%). Acompanhamento pré-natal elevou a ocorrência (62,6% versus 25,5% sem acompanhamento). Quanto à idade gestacional, prevaleceram partos entre 37–41 semanas (56,4%), mas houve altas taxas em prematuros (58,2% em 32–36 semanas e 58,0% em 28–31 semanas). **CONCLUSÃO:** Entre 2010 e 2023 o Brasil apresentou taxas de cesariana muito acima do recomendado pela OMS, concentradas, sobretudo, no Sul, Sudeste e Centro-Oeste. A maior frequência ocorreu em mulheres de maiores idades, brancas, casadas, com maior escolaridade e pré-natal adequado. Esses achados evidenciam influência de fatores sociodemográficos e de acesso à saúde, reforçando a necessidade de políticas públicas que incentivem o parto via vaginal seguro e reduzam cesarianas desnecessárias.